

TRABALHO E CIDADANIA: EM DIREÇÃO A UMA VINCULAÇÃO ENRIQUECIDA

Benedito Rodrigues de MORAES NETO¹

- **RESUMO:** A armadilha posta pelo capitalismo para seus críticos, de defender o emprego da força de trabalho pelo capital como um “direito”, assume atualmente importante especificidade: o retorno histórico da substituição dos homens por máquinas, mediante a automação de base eletrônica, significa a superação do taylorismo-fordismo. Essa forma de produzir significou uma mediocrização do capitalismo quanto ao desenvolvimento das forças produtivas, dado que lastreava a produção no trabalho vivo. Por ter gerado um “círculo virtuoso capital/trabalho”, com fortalecimento dos sindicatos e elevação de salários, o fim histórico do taylorismo-fordismo é lamentado por muitos. Na verdade, o capitalismo voltou a ser brilhante quanto ao desenvolvimento das forças produtivas, o que tenderá a marcar de forma cada vez mais nítida sua mediocridade como forma social. Será então possível (e necessário) superar a vinculação empobrecida entre trabalho e cidadania, típica do fordismo, em direção a uma vinculação enriquecida entre os dois conceitos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho; taylorismo-fordismo; automação; capitalismo; cidadania.

O retorno histórico em grande estilo da questão clássica do desemprego determinado pelo revolucionamento da tecnologia de produção está deixando os críticos do capitalismo em situação no mínimo desconfortável. A razão disso é que o fenômeno do desemprego no atual momento histórico carrega dentro de si duas armadilhas:

¹ Departamento de Economia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

- A primeira advém do desemprego como tal. Se, por um lado, o desemprego permite que se explicita a mediocridade do capitalismo como forma de organização da sociedade, por outro expõe os críticos do capitalismo ao risco de colocar a geração de emprego, dentro dos marcos do capitalismo, como sua meta primordial de ação política. Aqui está a armadilha: passa-se a valorizar algo que toda a teoria e prática críticas deveriam, isto sim, criticar de forma enfática, qual seja, a forma dada ao capitalismo para o trabalho humano: o emprego da capacidade de trabalho pelo capital. A superação dessa armadilha só pode surgir a partir de uma postura crítica tanto em relação à natureza da atividade de trabalho quanto ao desemprego.
- A segunda caracteriza na verdade a especificidade assumida pela armadilha de caráter geral no atual momento histórico. Referimo-nos ao fato de que o desemprego em sua dimensão estrutural reflete o momento histórico de superação do fordismo, determinada pela incorporação da automação de base microeletrônica. A natureza dessa armadilha fica evidente quando se passa a criticar a “desordem” pós-fordista, tendo como referência positiva a “ordem” fordista pretérita. Para entender a natureza da armadilha que levou ao “como era gostoso o meu fordismo”, precisamos marcar alguns aspectos fundamentais relacionados ao taylorismo-fordismo. Para nós, o taylorismo-fordismo de forma alguma se ajusta à natureza mais avançada da produção capitalista, qual seja, a maquinaria. Como observa Marx, com a introdução da máquina o capitalismo transforma a produção material numa aplicação tecnológica da ciência, explicitando o caráter brilhante do capitalismo no que se refere ao desenvolvimento das forças produtivas. Marquemos este ponto: *para Marx, o capitalismo é, a um só tempo, brilhante no que diz respeito ao desenvolvimento das forças produtivas e mediocre como forma social*. É dessa constatação que se desdobra a conhecida noção da contradição entre forças produtivas e relações de produção, aspecto que pode ser sintetizado na idéia de que a forma social capitalista impede que se difundam socialmente os benefícios da desescravização do trabalho necessário à reprodução material.

Perguntemos: qual o brilhantismo existente na forma taylorista-fordista de produzir? Qual o brilhantismo existente em lastrear o processo produtivo em milhares de trabalhadores manuais, administrando (de forma despótica ou participativa, não importa), seus tempos e movimentos? A utilização *in extremis* do ser humano como instrumento de produção nada tem a ver com maquinaria, obviamente. Trata-se, o taylorismo-fordismo, não de uma manifestação histórica quase perfeita

da “antevisão” de Marx sobre o processo de trabalho capitalista, como querem muitos, mas sim de uma “reinvenção da manufatura”, um incrível retrocesso histórico em termos do conceito de produção material (a não-compreensão desse fato crucial teve papel importante na História pouco feliz do socialismo real. Afinal, a forma taylorista-fordista é immanentemente iníqua, e reproduz essa iniquidade independentemente da força social). Exacerbar o uso do ser humano como instrumento de produção, lastrear a produção em massa nos movimentos do trabalho vivo, não significa uma forma avançada de produção, pois de forma alguma encaminha na direção da desescravização do homem do trabalho. Trata-se, isto sim, de um desvio mediocrizante do capitalismo. Como não se trata da forma genérica da produção industrial (como também querem muitos), a mediocridade taylorista-fordista não penetrou em toda a atividade industrial, o que é particularmente ilustrada pela indústria de processo contínuo. *Em sua face taylorista-fordista, fundamentalmente na indústria da montagem, o que se passou a ter foi uma perversa aliança entre a mediocridade do capitalismo como forma social e a mediocridade em termos de forças produtivas.* Toda essa mediocridade, infelizmente, não foi percebida pelo pensamento e pela ação dos críticos do capitalismo, em função mesmo da armadilha que embute: a utilização massiva de força de trabalho não-qualificada, a geração do *mass-collective worker*, permite, por parte de sindicatos e partidos de esquerda, a magnificação da atividade de trabalho. Talvez esteja no fordismo a razão histórica do “marxismo da classe operária” que incomoda (com justa razão) Robert Kurz. Uma força de trabalho massiva aliada a elevados níveis de produtividade do trabalho e elevado grau de monopólio permitiram uma espécie de “círculo virtuoso capital/trabalho”: *mass-collective worker* – força sindical – pressão salarial – resolução positiva para os trabalhadores em função de elevada produtividade do trabalho e controle do mercado – fortalecimento da força de pressão do trabalhador coletivo – ... Não é preciso ser muito perspicaz para perceber a funcionalidade desse movimento para efeito do encaminhamento da questão da demanda efetiva (em termos dinâmicos). É verdadeiramente surpreendente o poder de sedução desse “círculo virtuoso” sobre a classe operária: em plena campanha eleitoral de 1994, Lula afirmava que seu modelo ideal de sociedade nada tinha a ver com Marx, e tudo a ver com Ford: os trabalhadores das linhas de montagem deveriam ganhar um salário suficiente para adquirir os automóveis que produziam. (*Folha de S.Paulo*, 30.6.1994)

Não é difícil perceber que desse aprisionamento ao taylorismo-fordismo desdobra-se uma empobrecida visão sobre a vinculação entre

trabalho e cidadania: esta estaria resguardada na medida em que todos tivessem concretizado o “direito” ao emprego de sua força de trabalho pelo capital, nos moldes propostos por Taylor e Ford, e recebessem um salário “justo”, possibilitador de um padrão de consumo “decente”. Também não é difícil perceber que essa concepção leva para o lixo o marxismo, com toda sua reflexão sobre a importância da desescravização do trabalho e, a partir daí, sobre a natureza (e necessidade) de uma formação social superior.

Na medida em que não se caracteriza como forma avançada de produzir, o taylorismo-fordismo não carrega dentro de si a mencionada contradição entre forças produtivas e relações de produção. Em vez de negar a forma social capitalista, o taylorismo-fordismo a reafirma, pela simples razão de manter o ser humano como instrumento fundamental da produção. Assim sendo, o capitalismo teria conquistado sua eternização. A despeito de cansativa para o capital, a contenda capital/trabalho típica do fordismo de forma alguma põe em xeque os fundamentos do sistema capitalista; antes, pelo contrário, o papel social do capital como fornecedor de emprego fica não só intacto como reforçado.

Todavia, como o taylorismo-fordismo não caracteriza a essência da produção capitalista, como parece ter ficado assentado pela análise “crítica” (talvez caracterize, isso sim, uma “excrescência” no sentido patológico), é possível sua superação dentro dos marcos do capitalismo. (Se caracterizasse a essência do capitalismo, o taylorismo-fordismo só poderia ser superado por meio da superação do próprio capitalismo, como é bastante óbvio) Para tanto, bastou que o capitalismo recuperasse seu brilhantismo no que tange ao desenvolvimento das forças produtivas, o que ocorreu com a incorporação da automação de base microeletrônica. Ao repor historicamente a clássica troca de trabalhadores por máquinas, o que se consegue é encaminhar, de forma abrupta, os segmentos taylorizados da produção industrial em direção ao “leito da automação”, no qual já caminham há muito tempo segmentos industriais mais avançados, como a têxtil e a indústria de processo contínuo. *Volta o capital a ser brilhante em termos de sua capacidade de desenvolver as forças produtivas, mantendo todavia sua mediocridade como forma social.*

A mediocridade harmônica do taylorismo-fordismo foi explodida pelo capital, fazendo-o retornar a Marx. *Ao readquirir sua capacidade de revolucionar as forças produtivas, radicalizando a cientificização dos processos produtivos, o capital põe a nu a mediocridade da forma social que se organiza sob seu domínio.* A iniquidade do desemprego é a ilustração por excelência desse fato. Mesmo a permanência do *welfare state* não resolve a questão; apenas ameniza seu impacto, minorando

seu desdobramento material; permanece todavia o sofrimento de um ser humano que recebe da sociedade dos homens a informação de que não serve para nada.

A dimensão do sofrimento causado pelo desemprego, particularmente na ausência de proteção social, não deve levar ao saudosismo dos “bons tempos do fordismo”. Uma das razões é sua inutilidade: o revolucionamento das forças produtivas no atual momento histórico é fato irreversível. Outra razão é que a crítica ao trabalho humano proposto por Taylor e Ford não merece condescendência. Taylor e Ford não merecem saudades.

Na contramão do pensamento crítico dominante, que só faz lamentar o fim da benfazeja “ordem” fordista, acreditamos que a explosão dessa “ordem” está impregnada de aspectos positivos. A prática e o pensamento críticos do capitalismo deverão retornar a Marx, que adquire grande atualidade. Afinal, o que se observa (e se observará de forma crescente), é o retorno da clássica noção marxista da contradição entre forças produtivas e relações de produção. Ao explodir a mediocridade harmônica do fordismo, o capital libertou a prática e o pensamento críticos da armadilha taylorista-fordista, colocando-os perante desafios de grande magnitude teórico-política.

Exploremos o retorno do capital à sua natureza autocontraditória. Ao radicalizar a prescindibilidade do trabalho vivo, retorna a questão marxista da ausência de sentido histórico da forma capitalista, alicerçada na relação capital-trabalho. A questão da dificuldade do capitalismo em dar-se sentido precisa ser aprofundada:

Mediante explosão do taylorismo-fordismo, recoloca-se a questão enfatizada por Marx da prescindibilidade do trabalho vivo para a reprodução material da sociedade; a produção industrial passa a ser, em todos os seus segmentos, uma aplicação tecnológica da ciência. Para aqueles (poucos) que permanecerem com atividades de trabalho na área da produção material, tornar-se-á possível superar a heteronomia do trabalho sob o capitalismo, permitindo um considerável grau de envolvimento do homem com sua atividade de trabalho (saliente-se que isso não supera a mediocridade social do capitalismo, que se pode ilustrar, por exemplo, pela subordinação da segurança física dos trabalhadores ao cálculo do lucro em indústrias com elevado grau de risco). A questão que se coloca imediatamente é: e quanto à atividade de trabalho da grande maioria da população, que passará a ser dispensada do trabalho necessário à reprodução material da sociedade? Se a resposta da sociedade for um grande volume de desempregados, ela estará mostrando sua mediocridade; afinal, não haveria atividades socialmente úteis (e individualmente gratificantes) a desempenhar? A sociedade não

necessária de atividades humanas nas áreas da educação, da saúde, das artes, da ciência, do lazer etc.? Na verdade, a atividade humana será sempre socialmente imprescindível justamente onde é imprescindível a presença humana. Seria dessa forma possível estabelecer uma vinculação enriquecida entre trabalho e cidadania: as atividades de trabalho remanescentes seriam, a um só tempo, possibilitadoras de desenvolvimento das individualidades de quem as exerce e do desenvolvimento da qualidade de vida de quem as usufrui. As relações de produção capitalistas permitem esse caminho histórico? A subordinação da produção de bens e serviços à lógica do lucro permite desenvolver o conjunto das atividades de trabalho enriquecedoras individual e socialmente? Não seria algo socialmente muito ambicioso para os limites estabelecidos pelas relações capitalistas? O que não é nada confortável para o capital é que as atividades de trabalho remanescentes dificilmente podem ser subordinadas integralmente à lógica capitalista da produção de bens e serviços como um meio para a valorização do valor. O capital se defrontará com uma nova e difícil barreira, de natureza ética, caso queira subordinar todas essas atividades à lógica do lucro.

Finalizando, por mais paradoxal que pareça, o atual momento histórico de fortalecimento sem precedentes do capitalismo pode estar gestando uma grande demonstração de fraqueza. O desafio aos críticos do capitalismo é o de colocar-se à altura dos grandes desafios do futuro não muito distante.

MORAES NETO, B. R. Work and citizenship: towards an enriched connection. *Perspectivas (São Paulo)*, v.22, p.109-114, 1999.

- *ABSTRACT: The trap placed by capitalism for its critics, which is to defend the use of the labour force by capital as a "right", assumes today an important specific nature: the historical return of the substitution of machinery for men, through microelectronic automation, means the overcoming of Taylorism-Fordism. This mode of production meant the mediocrization of capitalism as for the development of productive forces, because it founded the production on live labour. The historical end of Taylorism-Fordism is lamented by many because it has created a "virtuous capital/labour circle" which strengthened trade unions and raised wages. In fact, capitalism is again genial in the development of productive forces, which will emphasize even more its mediocrity as a social form. So it will be possible (and necessary) to transcend the impoverished connection between work and citizenship, typical of fordism, towards an enriched association between these two concepts.*
- *KEYWORDS: Work; labour; Taylorism-Fordism; automation; capitalism; citizenship.*